

MATERIAL DIDÁTICO

Programa Educativo
Fundação Iberê Camargo

ELIDA TESSLER Gramática Intuitiva

“Gramática intuitiva” traz um conjunto significativo, embora não exaustivo, de obras de Elida Tessler, buscando a apresentação de seu trabalho ao longo de mais de vinte anos de trajetória, em que a temporalidade, seja no uso da linguagem ou em outros usos, é presente. Apesar de sua larga experiência em individuais e coletivas, no Brasil e no exterior, esta exposição em Porto Alegre é a primeira individual a reunir um conjunto de trabalhos diferentes. Com trânsito em várias áreas, como artista, professora do Instituto de Artes da UFRGS e curadora, manteve, com Jailton Moreira, ao longo de 16 anos, o saudoso Torreão como espaço de trabalho, de formação e de intervenções de vários artistas, nacionais e internacionais.

Ao criar diferentes imagens que dão suporte ao seu jogo com a linguagem, a artista dialoga com a longa tradição da relação entre o visível e o dizível, entre a linguagem e a imagem. Nomes próprios, verbos, advérbios, substantivos comuns, adjetivos, pinçados a cada vez que aparecem em diferentes livros, e impressos em objetos banais do cotidiano, compõem seus diversos trabalhos, em que são tramadas sutis relações entre o universo das artes visuais e o da literatura, carregando em si duração e memória. A gramática, com sua longa história que remonta a vários séculos a.C., na Índia, com suas regras de regulação, é como que desfeita, tornando-se intuitiva também, embora a partir de regras traçadas *a priori* pela artista na construção de suas obras.

Nos seus trabalhos realizados a partir dos livros de Robert Musil, Georges Perec, Orhan Pamuk, Donald Schüler e outros, as palavras incorporadas a objetos chamam a atenção para si mesmas, como puros significantes, obstruindo qualquer possibilidade de sintaxe passível de transmitir um significado completo e compreensível da mensagem verbal. A leitura se faz com outra intenção, como uma forma particular de ler, na qual os dados do que e como selecionar já foram predeterminados. Há, assim, em seu processo, tomando emprestado o conceito de Haroldo de Campos em relação à tradução poética, uma transcrição, uma recriação da literatura pela apropriação de seus vocábulos, não propriamente no sentido de uma tradução de texto, mas de um universo para outro, entrecruzando palavras e imagens, num claro viés conceitual.

Elementos do cotidiano, como prendedores de roupa, pratos, potes de mantimento, meias de náilon, coadores de café, fios de ferro, de cobre ou de latão, pregos, palha de ferro e muitos outros objetos ligados às vivências do dia a dia são depositários de palavras ou se constituem como obras. Cruzam-se em sentidos diversos como um modo de relação entre arte e vida, impregnados de variadas temporalidades, em que a memória é um dado sempre presente.

Glória Ferreira
Curadora da exposição

ELIDA TESSLER

(1961)

Elida Tessler nasce em Porto Alegre, em 1961, cidade onde vive e trabalha como artista, professora e pesquisadora. Entre 1980 e 1984, cursa a graduação em Artes Plásticas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ainda na época de faculdade, Elida percebe que, para ela, fazer, pensar e discutir arte eram processos que não poderiam ser separados. Durante o período, monta com colegas seu primeiro grupo de estudos sobre história da arte e começa a lecionar na Escolinha de Artes da Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Artes da UFRGS. Simultaneamente, dedica-se ao trabalho em desenho sob orientação da artista Teresa Poester e, logo após, de Heloísa Schneiders e Karin Lambrecht.

A artista dá continuidade aos estudos com o curso de especialização em Artes Plásticas Teoria e Práxis, na PUC-RS, e segue para a França para cursar o doutorado em História da Arte na Université Paris I Pantheon-Sorbonne. Durante o período no exterior, realiza uma pesquisa sobre a obra de Hélio Oiticica com enfoque na passagem do bidimensional para o tridimensional e no uso da cor em suas obras. Ao mesmo tempo, começa a pesquisar os efeitos do processo de oxidação em seu trabalho plástico, utilizando o fio de arame como linha de desenho. A produção dessa época já aponta para o interesse da artista pela passagem do tempo e seus vestígios.

Em 1993, após defender a tese de doutorado, Elida retorna a Porto Alegre, onde inaugura com Jailton Moreira um espaço para a experimentação e a reflexão sobre arte contemporânea. A casa, batizada de Torreão, funcionou até 2009 como espaço para cursos, conversas e intervenções artísticas. Em 1994, Elida ingressa no corpo docente do Instituto de Artes da UFRGS, onde atua até hoje como professora do curso de graduação em Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais.

A partir da década de 90, a obra da artista se torna cada vez mais marcada pelo uso de objetos cotidianos, recolhidos por questões afetivas e reorganizados em instalações. A ideia de observar, colecionar e ordenar as coisas começa a ganhar importância em sua produção. A palavra, elemento central em seus trabalhos atuais, aparece pela primeira vez em *Temporal* (1998). Na obra, a artista retira do livro *Dialética da duração*, de Gaston Bachelard, palavras que indicam a passagem do tempo para depois bordá-las em toalhas de mão. Nos anos seguintes, a leitura se torna protagonista de seu processo de criação. Em 2009, Elida retorna a Paris para realizar os estudos de pós-doutorado. Durante o período, produz dois trabalhos com base em palavras pinçadas de livros: *Meu nome também é vermelho*, a partir do romance *Meu nome é vermelho*, de Orhan Pamuk, e *Vous êtes ici*, a partir de *À la recherche du temps perdu*, de Marcel Proust: "Trabalhar com palavras é sempre uma vertigem e requer ordenação! [...] Escolho um livro, defino diferentes métodos para a captura de palavras e estabeleço listas, que são o ponto de partida para as minhas instalações",¹ comenta a artista sobre seu processo de criação.

Participa, desde os meados dos anos 80, de mostras no Brasil e no exterior. Entre suas exposições recentes estão as individuais *Vasos comunicantes*, na Pinacoteca do Estado de São Paulo (2003) e *Horizonte provável*, no MAC-Niterói (2004) e as mostras coletivas *8ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul*, Porto Alegre (2011), *Heteronímia Brasil*, Museu de America, Madri (2008), *The storytellers: narratives in international contemporary art*, The Stenersen Museum, Oslo (2012). A artista também recebeu bolsas de residência da Civitella Ranieri Foundation (2005) e da Sacatar Foundation (2006) e o Prêmio Commissions Program del 2010 da Cisneros Fontanals Art Foundation. Desde 2007, coordena o grupo de pesquisa "p.a.r.t.e.e.s.c.r.i.t.a: textos de artistas e a presença da palavra em produções de arte contemporânea", vinculado ao CNPq.

1 In: FERREIRA, Glória. *Elida Tessler: gramática intuitiva*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2013, p. 30.

ATIVIDADES

Sugerimos aqui algumas atividades a partir da exposição "Elida Tessler: gramática intuitiva". As propostas não estão organizadas por faixa etária, cabendo ao professor escolher aquelas que julgar mais adequadas ao grupo com o qual irá trabalhar.

1. Jogos de leitura

Proponha para a turma um exercício de aproximação do método utilizado por Elida Tessler para construir obras como *A vida somente* e *Vous êtes ici*. Os alunos deverão estabelecer, coletivamente, um conjunto de regras para guiar a leitura de um livro, revista ou jornal. Ajude-os a definir um critério para retirar termos desse texto. Eles podem levar em consideração o significado, a forma ou a função das palavras. Podem, por exemplo, selecionar a terceira palavra de cada frase ou apenas palavras que representam coisas amarelas. Depois que as regras estiverem definidas, peça que os alunos realizem a leitura como tema de casa e elaborem uma lista com as palavras encontradas. Na aula seguinte, compare essas listas. Todos chegaram às mesmas palavras? A seguir, divida os alunos em grupos para criar uma forma de exposição para as palavras encontradas. Que objetos eles utilizarão como suporte? Como as palavras serão escritas neles? Como esses objetos serão dispostos na sala de aula?

2. Coleta de tempo

O tempo é um elemento marcante na poética de Elida Tessler, seja pelas relações de memória que aparecem nos objetos que reúne, seja pelo desgaste dos materiais com os quais trabalha. Em *Falas Inacabadas e Fundo de rumor mais macio que o silêncio* (2003-2013), a artista se vale da mudança física que elementos metálicos sofrem em contato com o tempo e a umidade, nos convidando a perceber as pequenas e ininterruptas transformações que fazem parte de nosso cotidiano. Convide os alunos a observarem, durante um determinado período, como diferentes materiais reagem à passagem do tempo. Proponha experiências como colocar um jornal no sol, deixar um pote de tinta aberto, plantar uma semente, deixar um papel colorido na água. Cada aluno deve escolher uma atividade e registrar essas transformações por meio de fotografias, desenhos ou anotações. Ao final do período, reúna todos os materiais e registros e converse com a turma sobre as mudanças que foram observadas.

3. Coleção de palavras

Após apresentar o trabalho *Você me dá sua palavra?*, convide os alunos a montarem pequenas coleções de palavras. Peça que eles solicitem a palavra de dez pessoas de seu cotidiano, como vizinhos, colegas e familiares. Além de registrar essas palavras em uma folha de papel, eles devem conversar com os entrevistados sobre os motivos da escolha e os significados dessa palavra. Na aula seguinte, em duplas, os alunos deverão trocar de lista e desenvolver, a partir das palavras coletadas pelo colega, uma história. Ao final da tarefa, peça que a dupla converse sobre as diferenças entre os sentidos iniciais das palavras e o significado delas no texto criado. Crianças pequenas podem coletar oralmente a palavra de cinco pessoas e construir um desenho ou história em quadrinhos com elas.

REFERÊNCIAS

- FERREIRA, Glória. *Elida Tessler: gramática intuitiva*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2013.
- MORAIS, Angélica; SCHÜLLER, Donaldo. *Elida Tessler: vasos comunicantes*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2003.
- NEVES, Galciani. "O que estava escrito seria...". In: *Tessituras e criação: revista de processos de criação em arte, comunicação e ciência*. São Paulo, n. 1, maio 2011.
- TESSLER, Elida. "Você me dá a sua palavra? Do silêncio ao murmúrio utópico do artista". *Organon: Revista do Instituto de Letras da UFRGS*. Porto Alegre, v. 28, n.53, 2012.

INTERNET

- www.elidatessler.com
- www.itaucultural.org.br



Fundação Iberê Camargo

Fundação Iberê Camargo

Conselho de Curadores

Beatriz Johannpeter
Bolívar Charneski
Carlos Cesar Pilla
Christóvão de Moura
Cristiano Jacó Renner
Domingos Matias Lopes
Felipe Dreyer de Ávila Pozzebon
Jayme Sirotsky
Jorge Gerdau Johannpeter
José Paulo Soares Martins
Justo Werlang
Lia Dulce Lunardi Raffainer
Maria Coussirat Camargo
Renato Malcon
Rodrigo Vontobel
Sérgio Silveira Saraiva
William Ling

Presidente do Conselho de Curadores

Maria Coussirat Camargo

Presidente Executivo

Jorge Gerdau Johannpeter

Diretores

Carlos Cesar Pilla
Felipe Dreyer de Ávila Pozzebon
José Paulo Soares Martins
Rodrigo Vontobel

Conselho Curatorial

Fábio Coutinho
Icleia Borsa Cattani
Jacques Leenhardt
José Roca

Conselho Fiscal (titulares)

Anton Karl Biedermann
Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna
Pedro Paulo de Sá Peixoto

Conselho Fiscal (suplentes)

Gilberto Bagaiole
Gilberto Schwartzmann
Ricardo Russowski

Superintendente Cultural

Fábio Coutinho

Gestão Cultural

Pedro Mendes

Equipe Cultural

Adriana Boff
Carina Dias de Borba
Laura Cogo

Equipe Acervo e Ateliê de Gravura

Eduardo Haesbaert
Alexandre Demétrio
Gustavo Possamai
José Marcelo Lunardi

Equipe Educativa

Camila Monteiro Schenkel
Michel Flores

Mediadores

Ana Carolina Klaciewicz
Bruno Salvaterra
Carolina Bouvie Grippa
Carolina Sinhorelli
Chana de Moura
Fernanda Bastos Vieira
Kelly Bernardo Martinez
Luiza Rabello
Mailson Fantinel D'ávila
Manoela Furtado
Mateus Osório
Maria Teresa Almeida Weber
Paola Mayer Fabres
Pedro Telles da Silveira

Equipe de Catalogação e Pesquisa

Mônica Zielinsky
Clarissa Reschke Martins
Lucia Marques Xavier

Equipe de Comunicação

Elvira T. Fortuna
Thais Leidens

Website

Lucianna Silveira Milani
Helena Lukianski Pacheco

Superintendente Administrativo/Financeiro

Rudi Araújo Kother

Equipe Administrativo/Financeira

José Luis Lima
Carlos Huber
Carolina Miranda Dorneles
Joice de Souza
Kelly Frota
Margarida Aguiar
Maria Lunardi
Ricardo Pfeifer Cruz
Roberto Ritter
Tássia Tavares da Silveira

Assessoria de Imprensa

Neiva Mello Assessoria em Comunicação

Consultoria Jurídica

Ruy Remy Rech

TI Informática

Jean Porto

Manutenção Predial

TOP Service

Segurança

Elio Fleury
Gocil Serviços de Vigilância e Segurança

Estacionamento

Safe Park

Cafeteria

Press Café

Loja

Loja da Fundação Iberê Camargo

Material Didático

Concepção

Camila Monteiro Schenkel
Michel Flores

Textos

Camila Monteiro Schenkel
Michel Flores
Luiza Rabello
Mailson Fantinel D'ávila

Projeto Gráfico e Diagramação

Adriana Tazima

Tratamento de Imagem

Clickpro Digital

Impressão

Gráfica Impresul

Tiragem

400 unidades

Av. Padre Cacique 2.000
90810-240 | Porto Alegre RS Brasil
tel [55 51] 3247-8000
www.iberecamargo.org.br

Agendamento tel [55 51] 3247-8001
agendamento@iberecamargo.org.br

Saiba como patrocinar a Fundação Iberê Camargo,
entre em contato: pelo fone [51] 3247.8000
ou pelo email institucional@iberecamargo.org.br
www.iberecamargo.org.br



Patrocínio



GERDAU



Vonpar

de lage landen



évora
holding company

BancoVotorantim

Apoio



Realização

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

dans lequel s'accomplit la vie de l'homme réveillé. Tantôt son cours est beaucoup plus rapide, un quart d'heure semble une journée ; quelquefois beaucoup plus long, on croit n'avoir fait qu'un léger sommeil, mais tout le jour. Alors, sur le char du sommeil, on descend dans des profondeurs où le souvenir ne peut plus le rejoindre et en deçà desquelles l'esprit est obligé de rebrousser chemin. L'attelage du sommeil, semblable à celui du soleil, va d'un pas si égal, dans une atmosphère si profonde, que aucune résistance, qu'il faut quelque petit caillou aérolithique étranger à nous (dardé de l'azur par quel Inconnu ?) pour atteindre le sommeil régulier (qui sans cela n'aurait aucune raison de s'arrêter et durerait brusquement pareil jusque dans les siècles des siècles) et le faire, d'un brusque courbe, revenir vers le réel, brûler les étapes, traverser les régions voisines de la vie – où bientôt le dormeur entendra, de celle-ci, les rumeurs presques vagues encore, mais déjà perceptibles, bien que déformées, d'un atterrir brusquement au réveil. Alors de ces sommeils profonds on s'éveille dans une aurore, ne sachant qui on est, n'étant personne, neuf, prêt à tout, le cerveau se trouvant vidé de ce passé qui était la vie jusque-là. Et peu de temps plus beau encore quand l'atterrissage du réveil se fait brusquement, et que nos pensées du sommeil, dérobées par une chape d'oubli, n'ont pu le temps de revenir progressivement avant que le sommeil ne soit devenu du noir orage qu'il nous semble avoir traversé (mais nous ne cessons pas nous) nous sortons gisants, sans pensées : un « nous » qui serait même contenu. Quel coup de marteau l'être ou la chose qui est là a-t-elle fait tout ignorer, stupéfaite jusqu'au moment où la mémoire accourue pour la conscience ou la personnalité ? Encore pour ces deux genres de réveil faut-il ne pas s'endormir, même profondément, sous la loi de l'habitude. Car tout ce que l'habitude enserme dans ses filets, sous la loi de l'habitude, lui échapper, prendre le sommeil au moment où on croyait faire tout autre chose que dormir, prendre en un mot un sommeil qui ne demeure pas sous la tutelle de la prévoyance, avec la compagnie, même cachée, de la réflexion. Du moins dans ces réveils tels que je viens de les décrire, de la Raspelière, tout se passait comme s'il en était ainsi, et je peux en témoigner moi l'étrange humain qui, en attendant que la mort le délivre, vit les choses clos, ne sait rien du monde, reste immobile comme un hibou et comme celui-ci, ne voit un peu clair que dans les ténèbres. Tout se passe comme s'il en était ainsi, mais peut-être seule une couche d'étope a-t-elle empêché le dormeur de percevoir le dialogue intérieur des souvenirs et le empêche incessant du sommeil. Car (ce qui peut du reste s'expliquer aussi bien dans le premier système, plus vaste, plus mystérieux, plus astral) bien dans ou le réveil se produit, le dormeur entend une voix intérieure qui lui dit : « Viendrez-vous à ce dîner ce soir, cher ami ? comme ce serait agréable, et pense : « Oui, comme ce sera agréable, j'irai » ; puis le réveil s'accentuant,

il se rappelle soudain : « Ma grand-mère n'a plus que quelques semaines à vivre, assure le docteur. » Il somme, il pleure à l'idée que ce ne sera pas comme autrefois sa grand-mère, sa grand-mère mourante, mais un indifférent valet de chambre qui va venir lui répondre. Du reste, quand le sommeil l'emmenait si loin hors du monde habité par le souvenir et la pensée, à travers un éther où il était seul, plus que seul, n'ayant même pas ce compagnon où l'on s'aperçoit soi-même, il était hors du temps et de ses mesures. Déjà le valet de chambre entre, et il n'ose lui demander l'heure, car il ignore s'il a dormi, combien d'heures il a dormi (il se demande si ce n'est pas combien de jours tant il revient le corps rompu et l'esprit reposé, le cœur nostalgique, comme d'un voyage trop lointain pour n'avoir pas duré longtemps). Certes on peut prétendre qu'il n'y a qu'un temps, pour la futile raison que c'est en regardant la pendule qu'on a constaté qu'un quart d'heure ce qu'on avait cru une journée. Mais au moment où on le constate on est justement un homme éveillé plongé dans le temps des hommes éveillés, on a déserté l'autre temps. Peut-être même plus qu'un autre temps : une autre vie. Les plaisirs qu'on a dans le sommeil, on ne les fait pas figurer dans le compte des plaisirs éprouvés au cours de l'existence. Pour ne faire allusion qu'au plus vulgairement sensuel de tous, qui de nous, au réveil, n'a ressenti quelque agacement d'avoir éprouvé en dormant, un plaisir que si l'on ne veut pas trop se fatiguer, on ne peut plus, une fois éveillé, renouveler indéfiniment ce jour-là ? C'est comme du bien perdu. On a eu du plaisir dans une autre vie qui n'est pas la nôtre. Souffrances et plaisirs du rêve (qui généralement s'évanouissent bien vite au réveil), si nous les faisons figurer dans un budget, ce n'est pas dans celui de la vie courante. J'ai dit deux temps ; peut-être n'y en a-t-il qu'un seul, non que celui de l'homme éveillé soit valable pour le dormeur, mais peut-être parce que l'autre vie, celle où on dort, n'est pas – dans sa partie profonde – soumise à la catégorie du temps. Je me le figurais quand aux lendemains des dîners à La Raspelière je m'endormais si complètement. Voici pourquoi. Je commençais à me désespérer au réveil en voyant qu'après que j'avais sonné dix fois, le valet de chambre n'était pas venu. À la onzième il entra. Ce n'était que la première. Les dix autres n'étaient que des ébauches dans mon sommeil qui durait encore, du coup de sonnette que je venais de donner. Mes mains gourdes n'avaient seulement pas bougé. Or ces mains-là (elles est ce qui me fait dire que le sommeil ignore peut-être la loi du temps), mon effort pour m'éveiller consistait surtout en un effort pour faire entrer le mot obscur, non défini, du sommeil que je venais de vivre, aux cadres du temps. Le n'est pas tâche facile ; le sommeil qui ne sait si nous avons dormi deux heures ou deux jours, ne peut nous fournir aucun point de repère. Et si nous n'en trouvons pas au dehors, ne parvenant pas à rentrer dans le temps, nous nous rendormons, pour cinq minutes qui nous semblent trois heures.

ELIDA TESSLER

Vous êtes ici, 2010
livro com carimbo
20,5 x 14 x 6,5 cm
col. da artista
Foto: Filipe Conde

Desde os anos 90, a atenção ao tempo aparece na produção de Elida Tessler de diferentes maneiras. É a partir dessa época que ela começa a trabalhar com o desgaste e a corrosão de materiais metálicos como palha de aço e fios de arame, desenvolvendo formas de “catalisar e celebrar o instante que escoou”.¹ No trabalho ainda em andamento *Falas Inacabadas*, por exemplo, a artista reúne em recipientes encontrados ao acaso materiais como água, pregos, estopa e sal grosso. Esses elementos reagem criando crostas e manchas que se acumulam ao longo de anos. Elida propõe, assim, formas de tornar o tempo visível, recolhendo aquilo que resta dessa passagem.

Vous êtes ici, realizado quando a artista morava em Paris pela segunda vez, nos coloca novamente diante da questão do tempo. Seu ponto de partida é o célebre romance de Marcel Proust, *À la recherche du temps perdu* (Em busca do tempo perdido). A artista lê o livro à procura da palavra “temps” (tempo) e, cada vez que a encontra, a assinala com um carimbo com a inscrição “vous êtes ici” (você está aqui), fabricado nos mesmos moldes do símbolo utilizado pela empresa de transportes urbanos em Paris RATP. A marca originalmente usada para a orientação geográfica é empregada pela artista para tornar de alguma maneira o tempo visível, transformando o livro em uma espécie de mapa e o tempo em uma espécie de lugar. O texto dos carimbos conversa diretamente com o espectador, que pode folhear as páginas e se orientar dentro do livro por meio da sinalização em vermelho: “vous êtes ici”, você está aqui, neste instante.



Falas inacabadas, 1993-2013
Recipientes de vidro e metal, materiais metálicos, estopa e sal grosso
dimensões variáveis
col. da artista
Foto: Carlos Stein

Para pensar

Em *Vous êtes ici*, Elida tenta de certa forma capturar a palavra tempo, mas, enquanto isso, o tempo cronológico continua passando. Converse com a turma sobre as maneiras que dispomos para contar e tentar reter o tempo. Será que o tempo é percebido da mesma maneira por todos? Proponha aos alunos um exercício de percepção. O grupo deverá ficar em silêncio, de olhos fechados, por alguns minutos. Marque o tempo transcorrido no relógio, mas não conte aos alunos a duração do exercício. Ao final do período, peça que abram os olhos e pergunte quanto tempo eles acham que passaram de olhos fechados. Para quem a experiência pareceu mais longa ou mais curta?

¹ MORAIS, Angélica. *Elida Tessler: vasos comunicantes*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2003, p. 7.





INFELIZMENTE

SUFICIENTEMENTE

IMPETURABEILMENTE

INSTANTANEAMENTE

PROVVISORIE

SOLO

SOLO

SOLO

SOLO

SOLO

SOLO

SOLO

EXCESSIVAMENTE

IMEDIATAMENTE

INFELIZMENTE

LIVREMENTE

MINUCIOSAMENTE

VEROSIMILMENTE

HABITUALMENTE

PROFONDAMENTE

RELATIVAMENTE

TERRIVELMENTE

SISTEMATICAMENTE

SOMEN

FREQUENTEMENTE

CORDACIOSAMENTE

ASSOLUTAMENTE

MACCHIOSAMENTE

MACCHIOSAMENTE

MACCHIOSAMENTE

MACCHIOSAMENTE

MACCHIOSAMENTE

MACCHIOSAMENTE

MACCHIOSAMENTE

MACCHIOSAMENTE

MACCHIOSAMENTE

MACCHIOSAMENTE

MACCHIOSAMENTE

MACCHIOSAMENTE

MACCHIOSAMENTE

MACCHIOSAMENTE

MACCHIOSAMENTE

MACCHIOSAMENTE

MACCHIOSAMENTE

ELIDA TESSLER

A vida somente à margem, 2005-2013

1.184 placas de acrílico e caixa-livro
dimensões variáveis, 36 x 27 x 6 cm (caixa-livro)
col. da artista
foto: Carlos Stein

1 Quando um artista realiza uma residência, ele se desloca para um lugar e desenvolve um trabalho ou ação especialmente para esse contexto, durante um determinado período de tempo.

2 Em *La Disparition*, por exemplo, Percec escreve o livro todo sem usar a letra “e”, vogal mais recorrente no francês. Em *A vida modo de usar*, determina 42 palavras que devem aparecer nos 99 capítulos do romance.

3 A artista utiliza uma edição francesa do livro publicada pela editora Hachette em 1982. Também é possível encontrar o livro traduzido para português.

4 TESSLER apud FERREIRA, Glória. *Elida Tessler: gramática intuitiva*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2013, p. 36.

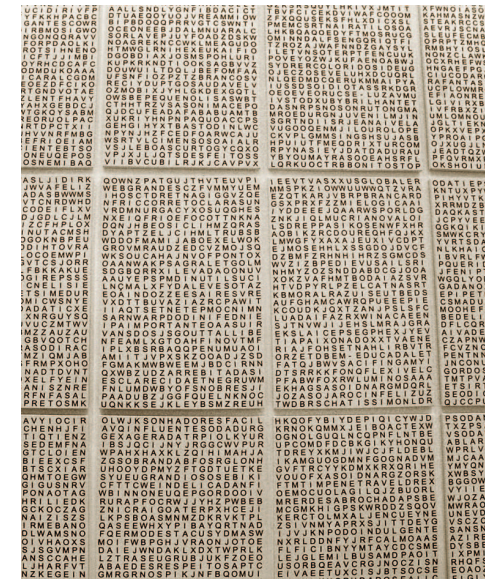
5 Conforme resumiu a artista em depoimento em 19/04/2013.

6 Integram a obra ainda duas caixas, cada uma contendo um par de livros. Ambas apresentam um exemplar do livro de Musil sem interferência alguma e um exemplar ativado pela artista, no qual estão assinalados adjetivos que haviam sido esquecidos em uma leitura anterior. No primeiro, *O homem sem qualidades, mesmo*, os adjetivos são riscados em caneta preta e no segundo, *O homem sem qualidades, mesmo assim*, os adjetivos são pintados com tinta branca. A artista também produziu um livro de artista intitulado *O homem sem qualidades caça palavras*, reproduzindo os 134 quadros de caça-palavras no formato das revistas de passatempo.

A obra *A vida somente* foi inicialmente produzida em 2005, durante uma residência artística na Itália.¹ Seu ponto de partida é *A vida modo de usar*, romance no qual Georges Perec, autor conhecido por usar normas pré-estabelecidas em seu processo de escrita,² narra o modo como vivem os moradores de um edifício parisiense. Elida, que desde *Temporal* (1998) também estabelece regras para trabalhar a partir da leitura de livros, decide destacar todos os advérbios de modo presentes no romance. O primeiro encontrado,³ “somente”, vira parte do título de sua obra. As 1.184 palavras selecionadas foram depois impressas em tiras de papel e instaladas em seu ateliê no local, junto com objetos doados por colegas de residência.

Posteriormente, o trabalho foi retomado em diversas situações, utilizando placas em acrílico em vez das tiras de papel e sem o acompanhamento dos objetos da versão inicial. Uma maleta de madeira passa a integrar a obra, contendo uma fita de algodão cru impressa com todos os advérbios encontrados no livro, em ordem de aparição. A instalação se adapta às características de cada local que a recebe, sofrendo pequenas alterações em seu título, como *A vida somente no parque*, exposto em 2007 no MAC do Parque Ibirapuera em São Paulo. Na mostra da Fundação Iberê Camargo, a obra é montada ao longo de uma das rampas do museu, com vista para o Guaíba, e recebe como nome *A vida somente à margem*. Os advérbios, deslocados de seu texto de origem e espalhados aleatoriamente pelas paredes, acabam nos falando também de “um modo de ver a exposição”.⁴

Outro trabalho representativo da “gramática intuitiva” da artista é *O homem sem qualidades caça palavras*. Intrigada pelo título do livro *O homem sem qualidades*, Tessler decide ler o romance inacabado de Robert Musil em busca dos adjetivos presentes na história de um homem que, “cansado de seu próprio cansaço, decide tirar férias de si mesmo para fazer aquilo que normalmente não faria, ser diferente”.⁵ Os 5.360 adjetivos encontrados foram depois dispostos em jogos de caça-palavras e impressos sobre telas, como se fossem pinturas. O formato escolhido funciona como um convite para o espectador se colocar, como a artista, em busca de palavras.⁶

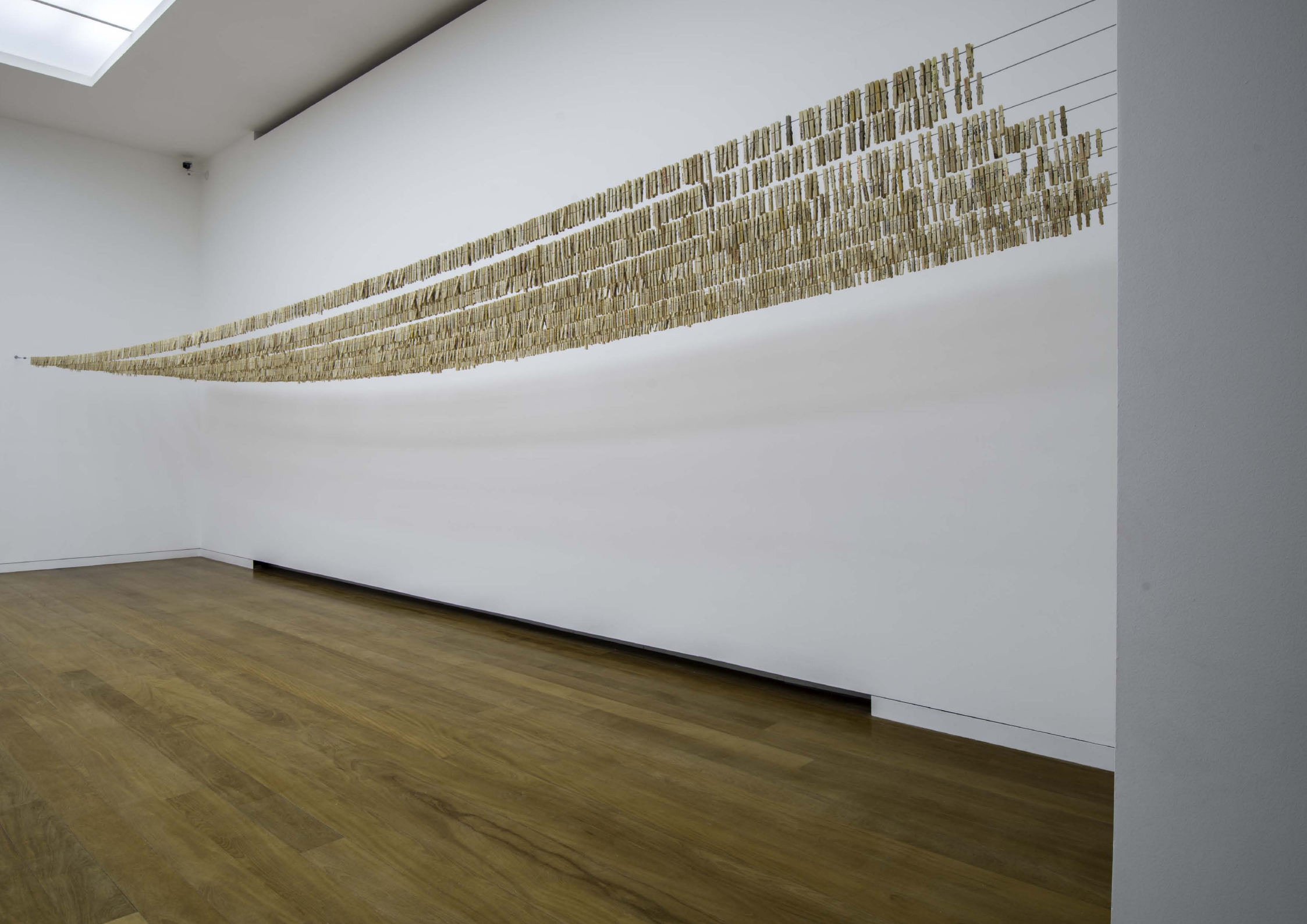


O Homem sem qualidades caça palavras, 2007
134 telas e 4 livros em 2 estojos
130 x 90 cm (tela) 37x 12,5 x 22 cm (estojos)
col. MAC/USP, doação Banco Itaú via AAMAC
foto: Fernando Pereira

Para pensar

Que tipo de palavras são advérbios e adjetivos? Como elas modificam o modo como nos referimos a coisas ou ações? Proponha um jogo de mímica à turma. Escreva em pedaços de papel ações e advérbios e dê para cada aluno um papel de cada tipo. Eles deverão realizar uma mímica a partir dessa combinação (ação + advérbio), como, por exemplo, correr lentamente, caminhar tristemente, etc. Os demais colegas conseguem adivinhar a ação e o advérbio sorteado?





ELIDA TESSLER

Você me dá a sua palavra?, 2004-2013
5.306 prendedores de roupa com palavras manuscritas
dimensões variáveis
col. da artista
foto: Carlos Stein

É com um prendedor de roupas e uma caneta que Elida Tessler estabelece uma conexão com o *próximo* ao fazer um simples pedido: “Você me dá a sua palavra?”. Enquanto dar a palavra a alguém por meio da fala pode ser algo simples e cotidiano, escrevê-la em um prendedor pode se tornar uma espécie de contrato com a artista, transformando a palavra em matéria. Com esse projeto em andamento desde 2004, Elida retoma o prendedor, objeto que já aparecera em *Temporal* (1998) e *Coisas de café pequeno* (1999), para pedir a palavra das pessoas que encontra em seu dia a dia, em diferentes lugares do mundo, em diferentes situações. Espécie de “livro sem fim”,¹ a coleção já conta com mais de cinco mil prendedores. Cada vez que é exibida, os prendedores são presos em um varal, um delicado fio que reúne anonimamente uma multiplicidade de vozes.

A conversa é um elemento constante no trabalho da artista, seja por meio da interlocução com livros e autores, seja por meio do diálogo mais próximo com familiares, amigos ou desconhecidos. Em *Você me dá a sua palavra?*, Elida não solicita uma palavra qualquer, e sim “a sua palavra”, aquela que, de alguma forma, representa quem a escreve. Por mais que vários termos se repitam, todos são ímpares, uma vez que são registrados à mão por pessoas distintas. “De alguma forma, desde a primeira palavra escrita, tudo está conectado. Todas as palavras mudam de sentido a cada vez que outra é acrescida”,² explica a artista. É um trabalho de pequenas doações, mas de centenas de doadores.



Para pensar

A produção artística de Elida é, em sua maior parte, composta por palavras. Normalmente, usamos as palavras dentro do contexto de uma frase, para comunicar alguma coisa. As palavras de Elida, no entanto, são apresentadas individualmente, colocadas em objetos comuns como chaves, prendedores ou potes de vidro. Discuta com a turma sobre esses deslocamentos. De que forma a palavra aparece em outros trabalhos da artista? Que tipos de palavras são essas? Como elas são escritas? Como elas são transportadas para o espaço de exposição? Quantos significados diferentes elas podem evocar?

1 TESSLER apud NEVES, Galciani. “O que estava escrito seria...”. In: *Tessituras e criação*: revista de processos de criação em arte, comunicação e ciência. São Paulo, n. 1, maio 2011, p. 44.

2 TESSLER, Elida. “Você me dá a sua palavra? Do silêncio utópico ao murmúrio do artista”. *Organon*: Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 28, n.53, 2012, p. 205.





ELIDA TESSLER

Manicure, 2002

388 vidros de esmalte de unha em mesa de manicure

300 x 30 x 95 cm

col. da artista

foto: Tibico Brasil



Inda, 1996

74 meias de nailón

90 x 400 cm

col. da artista

foto: Pablo de Giulio

Manicure é um trabalho marcado pela coleta de objetos que perderam sua função. Nele, a artista apresenta uma coleção de vidros de esmalte que seriam descartados por estarem ressecados ou com a validade vencida, recolhidos ao longo de três anos por sua manicure. O tempo, no entanto, continua a agir sobre seus interiores: alguns líquidos decantam, outros endurecem, cerdas de pincel se grudam para depois se dissolver. A obra revela que até mesmo objetos aparentemente inertes como esses podem revelar a vida que não para de acontecer.

Essa relação entre objetos, memória e afeto também aparece em *Inda*, realizado em 1996 a partir de pares de meias de seda reunidos ao longo de 20 anos por sua mãe. O título pontua o desejo da artista de tentar reter algo que escoo no tempo. A palavra "inda" é, ao mesmo tempo, o nome em iídiche de sua mãe e uma forma coloquial do advérbio "ainda", aquilo que fica. Ambos trabalhos também podem ser vistos como uma alusão ao universo da pintura: *Inda* pela sobreposição de camadas translúcidas provocada pelo agrupamento das meias, *Manicure* por seus pincéis e frascos de tinta de múltiplas cores.

Para pensar

Como podemos observar a passagem do tempo em plantas? E em objetos? Convide os alunos a observarem marcas temporais em elementos encontrados na sala de aula ou no pátio da escola. Que coisas parecem mais antigas ou novas? Quais sofreram mais transformações? Quais são as marcas que indicam essa passagem do tempo?

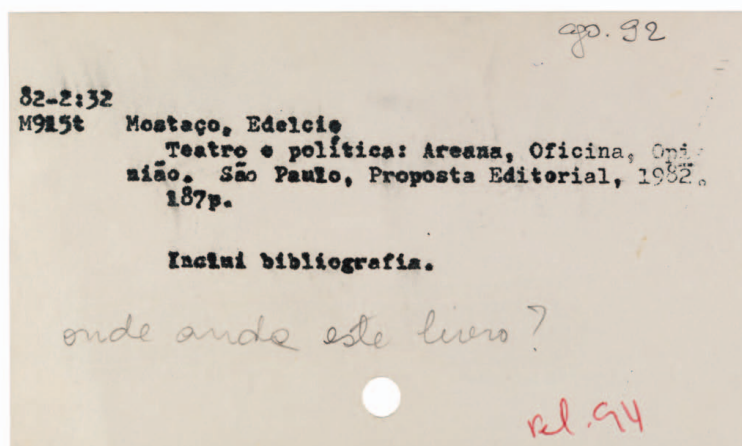
Peça que cada aluno pergunte se seus pais ou avós guardam alguma coisa em casa que não seja mais útil, algo que eles mantenham apenas para lembrar de alguém ou de algum momento, como uma roupa manchada, um vaso quebrado, um brinco sem par. Qual é a história desses objetos? Os alunos também guardam coisas desse tipo?





ELIDA TESSLER

Gaveta dos guardados: biblioteca, 2013
17.802 fichas catalográficas em fichário
148 x 110 (Ø) cm
col. da artista
foto: Carlos Stein



ficha catalográfica da Biblioteca Carlos Barbosa
Instituto de Artes - UFRGS

Desde os tempos de estudante do Instituto de Artes, a leitura desempenha um papel importante na rotina de Elida Tessler. A biblioteca e o ritual de procura por um livro estão presentes em sua memória de professora e artista, como o manuseio de gavetas em busca das fichas que indicarão a localização dos volumes e a divisão das obras em ordem alfabética considerando assunto, autor e título. No ano de 2006, Elida descobre que as fichas de papel da biblioteca do Instituto seriam descartadas devido ao processo de informatização de seu acervo. Interessada na história e na materialidade desses antigos registros, a artista pede à bibliotecária a doação dos itens que restavam e os guarda em seu ateliê. Quando convidada a elaborar uma obra especialmente para a exposição na Fundação Iberê Camargo, Elida decide trabalhar com esse material. Nesse processo, dois livros são lembrados: *Gaveta dos Guardados*, obra de memórias escrita por Iberê Camargo; e *Biblioteca*, livro no qual Gonçalo M. Tavares constitui um catálogo particular de autores e pensadores mimetizando as características de suas escritas.

Gaveta dos Guardados: biblioteca é apresentado na forma de uma única e grande gaveta, na qual as fichas doadas pela biblioteca são organizadas em ordem alfabética, de acordo com o sobrenome do autor. O fichário vai de A a Z, seguido pela categoria ET CETERA, na qual são colocadas todas as fichas de obras sem indicação de autoria, como enciclopédias e compilações. Às 17.802 fichas originais foram acrescentadas mais 40, de cor vermelha, contendo os dados de todos os livros que já fizeram parte de obras da Elida até hoje. O trabalho, desta forma, além de possibilitar o contato com antigos métodos de organização de informação, também permite que se conheçam os títulos e autores que fazem parte do repertório da artista.

Para pensar

Pergunte a seus alunos onde podemos encontrar bibliotecas na cidade. Eles já visitaram alguma delas? Converse com a turma sobre as características desse tipo de espaço e suas modificações ao longo do tempo. De que forma os alunos buscam informações para realizar seus trabalhos atualmente? Como isso era feito na época de seus pais? Aproveite para discutir também como os livros e o processo de leitura estão se transformando. Convide-os a comparar a leitura de um livro de papel com a leitura de um livro ou documento digital. Caso sua escola possua uma biblioteca, realize essa discussão lá.

“Etc.”, nome da última sessão de *Gaveta dos Guardados: biblioteca*, é uma abreviação da expressão latina “et cetera”. “Et” corresponde à conjunção “e” e “cetera” corresponde a “o resto”. Discuta com a turma sobre o sentido desse termo. Eles já utilizaram essa expressão? Que relações eles veem entre essa palavra e o trabalho presente nesta lâmina? E com as outras obras apresentadas no material didático?



O O T S O L M Y U K K R Y W G Z G Q L K
 V C X D U O S L A F J E I B R E V E S W
 I D E D U O I G A V D T M S M L Z W Q V
 S I R Q F I P D P T Y N Y E O A H J Q X
 L D O C E D F Z T R X A R Y N N U N Q C
 U W F A M A A Z Y S D C O V I T H N B B
 P A W T D S G M G O A I D P O D A O I Y
 E N X E J G A G A N W F A A K T Q L S T
 R C A T W P Y X H R Y I N H Z Q L W V C
 B D R N N U Y E N E Q N O T U M E L C C
 C W V A F E J O I T E G I F W D V Y N O
 E S L H X Q H B Z A P I C F O Y A C N Q
 J S H L I P S K A M O S C P E Q T B Q C
 L L P I B D F D O J D N I V G Z R S O G
 N X S R X E W O B M C I F K S L O A X M
 V P I B P I C U Z M A A A U E E P O K Q
 G F V D M F L O G I C O S R L V U B A O
 R S L O O U H R V P E N O S O E S Z B C
 A P P A L A U X E S A T E R E C N I H I
 E O R E C N I S C A L E B E K E I L Q D
 M X W X M A I R A T N U L O V N I E S O
 I T C O R I E D A D R E V W L J Z F I M
 N E P I H V I H K K A C I G O L I N T S
 U R E O T S O O O K A Q B R I X V I S A
 C R S C S A G W A C U O L F G P A O O P
 I E A S Y Z D O D A T I E J A S E D H S
 O N D O J T H O P Q A C I M O N O C E E
 S O O F A L O M S N E G R O E N O T B Q
 O A V A C I R R A C I O N A L T E N A Z
 F Y K B E F N K O N W H C G B D S H Y Z

E E C H R D N D P T E B W I G U C T S N
 K A O C O M I N U C I O S A Y A Z E Y U
 C V S I M P A T I C O I O J E R A R J S
 F J Q J N K G B A E Z W E K D P P R Q M
 H U O Z N D N L P I H M O L E U S I O Q
 D B Z I G R A V E S T F I O Z Z R V N P
 G P M U E V W F I F M V G Y U X P E O F
 X E Y I X F W S A V I S L U P E R I D G
 E T V U N E R V O S O P O D R E S S A I
 S Q O O G P L E V A M A D V Q U M A M L
 O N N P E R T U R B A D O I Q D L C R K
 C V R D S R G I G A N T E S C A S I O X
 I G E I A T L T P E S A D A S A L M F S
 T R D S D V A F C O M U M Y Z C E E E E
 O A O F I I I Z L R K B W P D I V D D T
 R N M O T S N C S R A T Q D V G I A L N
 E D M R I A E T I O H E F O W O R C P A
 T E J M N S G C M O D N A R B L C A A T
 E S V E J N N D F T D P O J U S N D R R
 R G P S H E S A N E U Q E P W M I Y A O
 R B H G M D U D E T O R T O Z X T S L P
 E Q A N S F S Q O S V L S O F F F W I M
 S E X P R E S S I O N I S T A S G U S I
 T V H R K F P A D A R A P M A S E D A O
 R A Q S W C I S I X K O S L U P Z Y D D
 E Z C M Y Q S E B N F M S I I W M M O A
 S I M U S G N H D E M E N T E M O Q V H
 L A S U O T C F Z S A S S O R G P E O C
 X S S O H A S U F N O C U S M S N O F E
 C I N E S P E R A D A E A B F I X S B F

- | | | | |
|----------------|--------------------|------------------|----------------|
| 1. AFICIONADO | 11. ERETA | 21. INVOLUNTÁRIA | 31. PENOSO |
| 2. BELA | 12. ESPASMÓDICO | 22. IRRACIONAL | 32. PESADO |
| 3. BOA | 13. EXCITADOS | 23. LEVE | 33. REPULSIVO |
| 4. BOAZINHA | 14. FALSO | 24. LÓGICOS | 34. RISONHOS |
| 5. BOM | 15. FOSCO | 25. LOUCA | 35. SADIO |
| 6. BREVES | 16. HOSTIS | 26. MATERNOS | 36. SEXUAL |
| 7. BRILHANTE | 17. ILÓGICA | 27. MAU | 37. SINCERO |
| 8. DESAJEITADO | 18. INFELIZ | 28. MENTAL | 38. TENAZ |
| 9. DOCE | 19. INSIGNIFICANTE | 29. MINUCIOSO | 39. TERRENO |
| 10. ECONÔMICA | 20. INSUPORTÁVEL | 30. NEGRO | 40. VERDADEIRO |

Exemplos de páginas do livreto concebido por Elida Tessler a partir da leitura do romance *O homem sem qualidades*, de Robert Musil, por ocasião da exposição "O homem sem qualidades caça palavras", 2007. Atividade sugerida para alunos a partir de 14 anos. Cada caça-palavras contém 40 adjetivos escritos na vertical, na horizontal, na diagonal e também de trás para frente.

